

Bancos credores mantêm linhas para comércio

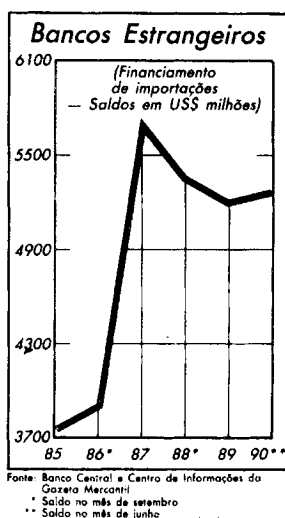
por Mara Luquet
de São Paulo

Não está faltando dinheiro para importações e exportações brasileiras, apesar do fim da compulsoriedade das linhas de curto prazo repassadas ao País por bancos estrangeiros.

Na última terça-feira, bancos e empresas compravam e vendiam moeda normalmente no câmbio comercial. Não se confirmaram as previsões mais pessimistas de um eventual corte em massa de linhas pelos bancos credores, que estão em processo contínuo de negociação com o governo brasileiro.

A expectativa do mercado é de que as linhas estimadas em US\$ 5 bilhões referentes aos projetos 3 e 4 (comerciais e interbancários) não sofrerão queda substantiva nas próximas semanas. Há consenso de que as instituições que não desejam mais manter o risco Brasil em seu portfólio já abandonaram os financiamentos há mais tempo.

Em contrapartida, os bancos com interesses no País não pretendem reduzir sua



participação no financiamento ao comércio exterior e eles têm bons motivos para isso. As linhas comerciais são caras e de baixo risco.

“Estávamos extremamente pessimistas e, no entanto, o dia foi suave, sem traumas”, conta Paulo Santoro, gerente-geral da divisão internacional do Banco Francês e Brasileiro (BFB), que carrega uma posição significativa de Projeto 3, equivalente a US\$ 500 milhões.

O Citibank aumentou a linha referente ao Projeto 3 em US\$ 100 milhões transferindo moeda do antigo Projeto 4, afirma Alcides Amaral, vice-presidente da instituição.

Os japoneses tomaram decisões independentes, contrariando o tradicional comportamento em bloco. Toshiro Kobayashi, presidente do conselho executivo do Banco de Tokyo, subsidiária do The Bank of Tokyo — líder do bloco asiático —, confirma que mantém a linha em torno de US\$ 300 milhões para o comércio e US\$ 17 milhões no interbancário.

O Mitsubishi Brasileiro ainda aguarda decisão da matriz e o Sumitomo, por exemplo, prefere não comentar a posição de suas linhas.

Hoje, a posição relativa dos japoneses ganhou importância e eles são responsáveis por algo em torno de 15 a 20% do total de recursos do Projeto 3.

Lincon da Cunha Pereira Filho, diretor do Midland Bank, observa, porém, que, mesmo que houvesse uma saída expressiva desses credores, o comércio não seria afetado, pois bancos europeus já estão apressando contatos com o objetivo de participar de operações conjuntas.

Procurando evitar qualquer impacto de corte de linhas interbancárias sobre as agências de bancos brasileiros no exterior, o BC vem to-

mando providências há alguns meses e, até a última sexta-feira, essas instituições tinham remetido para o exterior para reforçar a capitalização das agências a soma de US\$ 282 milhões, conforme apurou a editora Maria Clara R.M. do Prado.

Do lado oficial, o Eximbank, dos Estados Unidos — que havia interrompido o financiamento a exportações brasileiras —, volta a operar. A repórter Cynthia Malta apurou que — para contornar o fato de o Eximbank exigir, desde dezembro de 1989, taxa de risco político não aceita pelo Banco Central — bancos brasileiros que repassam as linhas têm conseguido viabilizar negócios apenas quando o exportador americano concorda em pagar a diferença entre a taxa de risco que o governo americano determina e o limite imposto pelo BC no Brasil.

(Ver página 24)